

ARNALDO
JABOR

arnaldo.jabor@estadao.com

SEGUNDA-FEIRA
LÚCIA GUIMARÃESTERÇA-FEIRA
ARNALDO JABORQUARTA-FEIRA
ROBERTO DAMATTAQUINTA-FEIRA
LUIS FERNANDO
VERISSIMOSEXTA-FEIRA
IGNÁCIO DE LOYOLA
BRANDÃO
MILTON HATUOMSÁBADO
MARCELO RUBENS
PAIVA
SÉRGIO TELLESDOMINGO
LUIS FERNANDO
VERISSIMO
JOÃO UBALDO RIBEIRO
LEE SIEGEL

Um coração triste

A recente regulação trabalhista das empregadas domésticas tem provocado grande desconsolo em patroas peruas. Em pânico, descobriram que há 'classes sociais' e que as criaturas que limpam banheiros e fazem feijão não foram trazidas por um vento, sem endereço, sem sobrenomes, sem carteiras.

Por isso, lembrei-me de *Um Coração Simples*, de Flaubert, um dos maiores contos da história da literatura. Minha família também teve uma empregada perfeita, como a Felicité do conto, que durante a vida toda cuidou de uma família francesa de província como de um templo sagrado. Nossa Felicité chamava-se Hermínia. Era quase um fiapo, quase nada, pretinha, magrinha, mirrada e viera da roça como todas as empregadas da época. Achávamos que 'roça' era um lugar de onde vinham as pessoas pobres, outro país, com batatas e mandiocas, pastos de bois e empregadas que se agregavam a famílias urbanas. A 'roça' era o resto de um país de escravos libertos que continuavam escravizados por salários magros e se alojavam no quatinho perto do tanque. Hermínia trabalhava com meus avós que moravam ao lado de meus pais. Ela cozinhava, arrumava a casa, lavava, passava, com pequeno salário que

guardava, pensando num futuro onde havia um enxoval e uma casinha. Viera muito mocinha; era da idade de minha mãe e minha tia e cresceu junto com elas, que casaram e tiveram filhos; ela não teve filhos nem casou, mas continuou rindo sem inveja, cuidando das crianças que não teve, a quem amava com devoção de 'mãe preta', como se nomeara. Talvez como consolo, falava sempre de um namorado que nunca ninguém viu chamado Ormezindo (lembro do nome que me fascinava e pensava: "Como será o Ormezindo?").

Ele nunca apareceu, nunca o vi. Em um fim de ano, ela o esperou para uma visita prometida. Não veio num dia, nem no outro. Até que uma prima ligou de um telefone público e ela se trancou no quatinho do quintal. Eu vi pelas frestas que ela chorava no chão, agarrada numa imagem de São Jorge, de capa vermelha, lança e dragão. Não tive coragem de entrar no quatinho, pois percebi que ela estava longe dali, chorando e falando com alguém em algum lugar da terra de onde viera. No dia seguinte, botou um vestido preto e foi à tenda espírita, de onde voltou mais calma, pois a mãe do centro lhe disse que um dia ela ia encontrar o Ormezindo de novo. Minha avó segredou-me que o Ormezindo aparecera morto na estrada de Pati do Alferes, onde se conheceram. E a vida continuou. Todo mundo en-

velhecendo e só Hermínia continuava igual, como se o tempo não passasse sobre ela. Ali, sob o caramanchão do quintal, lembro de meu avô de pijama engraxando os sapatos, minha tia lavando os cabelos, minha avó regando as flores, e de mim mesmo, que ela fazia girar num corrupio que me arrancava risadas infinitas.

Sua presença atemporal me dava a sensação de que nossa vida suburbana era imutável. Hermínia era a empregada per-

Minha família também teve uma empregada perfeita, como a Felicité do conto de Flaubert

feita, tão diferente das criadas de mamãe, como a América, cozinheira maluca que (ela afirmava) voava até o teto, onde ficava grudada como uma lagartixa. Todas invejavam vovó com seus cabelos azuis que Hermínia tingia no quintal em uma bacia de louça. "Empregada boa é sorte..." - diziam as vizinhas.

Minha avó morreu de repente e meu avô, lentamente. Vovó deu um suspiro e finou-se; meu avô foi ficando lelé. Hermínia levava-o para passear e ele gostava de ver a estrela de néon da cervejaria Princesa, onde ele me levava sempre na infância.

Depois, ela foi morar com ele num apartamento de Copacabana, onde ele

falava confusamente sobre seu passado. Consciente da memória frágil, um dia perguntou-me rindo: "A vida não tem sentido ou sou eu que estou gagá?" Ela cuidou de meu avô até o fim e me ajudou a pô-lo no caixão da Santa Casa.

Depois da morte de vovó, Hermínia foi trabalhar com minha mãe, mas não foi feliz. Minha mãe tinha caído numa progressiva depressão bipolar tendo horríveis fobias, como a cisma de que o gato do vizinho a odiava e lhe mostrava as garras ferozmente. Hermínia levou-a a um centro espírita 'linha branca' e a vidente lhe garantiu, com voz grossa de caboclo, que ninguém a perseguia, nem o gato. Não adiantou; piorou, pois mamãe acusou-a de ter parte com o Demônio do centro espírita. Hermínia aceitou a humilhação com a resignação do sofrimento pobre, aprendendo entre milharais e pastos de capim-gordura.

Papai não falava quase, lendo revista na sala, de pijama, ouvindo os delírios de mamãe, pastoreada pela criada, virada em acompanhante.

Até que morreram os dois. Só ficou Hermínia, que foi morar com vagas primas em Caxias. Todo mês, eu mandava um dinheiro fixo para que cuidassem bem da minha babá já velhinha - se ela morresse, acabava a grana.

De vez em quando, ela me telefonava de Caxias. Dava para ouvir no fone o outro mundo onde ela vivia, agora no

presente, com sons de rádios evangélicos, gritos de criança, latidos, ruídos de subúrbio longínquo. Sua voz soava um pouco como um anseio em busca do passado que tinha acabado. E como era estranho ouvi-la no presente, sua voz longe de nossa casa, como se ela tivesse sobrado da casa desabada, procurando meus avós! Ao telefone, sua voz ficava 'tatibitate' como se eu ainda tivesse 7 anos: "Oi, Arnaldinho, meu amorzinho?"

Até que um dia, ligou uma das primas para informar que Hermínia tinha feito a 'passagem' de noite. A 'passagem' fora muito calma: ela estava deitada na cama abraçada na estatueta de São Jorge.

Quando ela ainda era viva, de vez em quando eu mandava um táxi buscá-la. Ficava comigo no apartamento e eu a beijava muito, pois não havia assunto possível. Me tratava sempre como menino e ficava um pouco constrangida de estar na poltrona de veludo de mamãe que ela bem conhecia. De repente, se levantava e ia para a cozinha. Entrava com ar de titular diante da empregadinha e começava a lavar a louça. Eu protestava, mas ela fazia questão. Lavava pratos e copos com zelo. "Olha aqui o copo de cristal que seu avô gostava tanto...". Ouvindo os barulhos da louça, parecia mesmo que o passado tinha voltado.

Design. Exposição

TRIBUTUTO
A UMA PIONEIRA

Peças únicas. Acima, a Poltrona Transat (1929) e, abaixo, a Poltrona Sirène (1919): obras atemporais

Mostra no Museu Pompidou revê a técnica prodigiosa e a força poética da designer e arquiteta Eileen Gray

Maria Inez Barbosa
ESPECIAL PARA O ESTADO

Apesar de algumas de suas criações fazerem parte do glossário de arquitetos e decoradores contemporâneos, historiadores do design acreditam que o verdadeiro papel de Eileen Gray (1878-1976) como pioneira da modernidade ao lado de figuras como Le Corbusier e Mies Van der Rohe é pouco conhecido e subestimado. Pois uma grande retrospectiva de seu trabalho organizada pelo Museu Pompidou, em Paris, que pode ser vista até o dia 20 de maio, além de revelar a técnica prodigiosa e a força poética inimitável dessa criadora genial, pretende sanar esta injustiça.

Em vida, a notoriedade de Eileen foi breve. Talvez por ser mulher num ambiente essencialmente masculino. E também por ter sido sempre extremamente reservada, discreta e avessa a badalações. No final de sua vida, doente e esquecida, foi preciso que uma venda em leilão dos pertences do costureiro e colecionador de arte

Jacques Doucet, em 1972, em que havia várias peças da criadora datadas dos anos 10 e 20, discretamente assinadas "Gray", chamasse a atenção de colecionadores e tenha sido o ponto de partida para o início do reconhecimento de seu trabalho. Entre as peças leiloadas, um hoje famoso biombo de quatro folhas laqueado de vermelho e decorado com figuras em verde e prata, batizado Le Destin que atingiu então US\$ 36 mil e pode ser visto na exposição no Pompidou.

De família irlandesa tradicional e aristocrática, Eileen Gray cedo mostrou que sua vida seria alternativa. Independente como o pai, que abandonou a mulher e o próprio país para viver na Itália, conseguiu que a deixassem estudar em Londres na Slade School of Fine Arts, onde fez formação em pintura. Fascinada pelas peças antigas em laca que via no Museu Victoria and



FOTOS DIVULGAÇÃO

"O futuro projeta a luz, o passado apenas nuvens", dizia Eileen, determinada em seu modernismo, quando abriu a Galeria Jean Desert em 1922, no coração de um bairro dedicado à arte e ao luxo. Teve então clientes de estética exigente como Charles e Marie Laure de Noailles, Philippe de Rothschild e Elsa Schiaparelli. Foi seu período mais prolífico.

Além da laca, trabalhou com tecelagem, metal cromado, vidro, cortiça e acetato. Viajou ao exterior, participou de grandes exposições internacionais e dividiu ateliê de tecelagem com uma amiga. Apesar do sucesso e de trabalhos diversos em decoração de interiores, em 1930 decidiu fechar as portas.

Alguns anos antes, a quatro mãos com Jean Bodovici, arquiteto romeno, criador da revista *Arquitetura Viva*, amigo de Le Corbusier e de outros grandes arquitetos, construiu a famosa casa conhecida como E 1027, união do E de Eileen, 10 do J de Jean, 2 do B de Badovici e 7 do G de Gray, em Roquebrune-Cap-Martin, no sul da França. A ideia dos dois, amigos até a morte dele em 1956, era de que "na construção arquitetônica houvesse a alegria de a pessoa se sentir ela mesma como num todo que se prolonga e se completa".

A proposta era uma casa de verão para um homem que gostava do trabalho, de esporte e de receber amigos. Almas afins, em 1925 haviam viajado juntos para visitar em Utrecht a famosa casa do também modernista Gerry Rietveld. O complicado nome da casa que está atualmente sendo restaurada para futura visitação pública e depois deu nome a uma das peças mais populares de Gray, a mesa de altura regulável de vidro e metal cromado, evidencia a complexidade do papel de cada uma na realização do projeto.

Em seguida, Eileen, não longe dali, conceberia a própria ca-

sa de praia. Batizou-a Temple a Pailla. Foi o único projeto que fez completamente sozinha. Nele, não se preocupou com o que estipulava então a arquitetura moderna tal como definida por Le Corbusier e Pierre Janneret e levou ao paroxismo a relação arquitetura-mobiliário. Criou protótipos famosos como um móvel com rodas para calças e um armário extensível. Bem mais tarde, depois da Segunda Guerra, já com 68 anos, se dedicou a restaurar a casa e seus móveis bastante danificados. Anos depois, em 1955, vendeu a propriedade para o pintor Graham Sutherland.

Aos 76 anos, ajudada por um arquiteto local, Eileen Gray ainda se engajou em outro projeto, a Lou Pérou, uma velha basílica de 1939, seu último refúgio de verão. A maior parte de sua vida, no entanto, foi passada em Paris, num apartamento no número 21 da Rue Bonaparte, um imóvel do século 18. Ali, no final de sua existência, reclusa, essa artista total - incursionou na pintura, na laca, no design de móveis, na ambientação de interiores, na arquitetura e até na fotografia - destruiu fotos, cartas e qualquer documento com rastro pessoal.

Deixaria como legado apenas a sua obra de design e arquitetura, compilada num arquivo que montou entre 1956 e 1972. Dizia que "o trabalho de um artista transcende a ele próprio". Por ocasião da exposição, um belo livro, *Eileen Gray, Sua Vida e Obra*, foi lançado pela Thames & Hudson. É de autoria de Peter Adam, que apesar de 40 anos mais jovem do que a biografada, foi dela um grande amigo. Teve acesso a documentos e à correspondência entre Eileen e uma sobrinha querida. No fim das contas, como disse Cloé Pitiot, curadora da mostra, "de Eileen Gray ficaram obras únicas decididamente audaciosas, lacunas de arquivo e uma série de mistérios".